

Revista Brasileira de Letras, Linguística e Artes

NAS REDES DO TEXTO

Itana Nogueira Nunes

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, com Estágio pós-doutoral em Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora titular de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Data de aceite: 01/12/2025

Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).



[...] a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra (Paulo Freire, *A Importância do Ato de Ler*, 1989, p.11).

Para ficar mais em sintonia com a linguagem da era digital é que decidi usar esse título que faz referência à rede de computadores, às redes sociais e ao ambiente virtual, lugares que hoje parecem deixar bem mais à vontade os nossos estudantes do que a velha e boa rede de descanso, aquela mesmo lá do Ceará, que com seu balanço faz relaxar qualquer cristão!

Contudo, não proponho aqui falarmos de técnicas de relaxamento ou de redes, seja qual for o tipo ou finalidade. O intuito principal é falar mesmo de leitura, grande protagonista do campo da Educação, juntamente com as questões relativas à escrita, em tempos de inteligência artificial generativa. Seja um texto ou um hipertexto (o texto virtual), jogar com o texto é o que nos interessa. Desvelar os seus segredos e tentar melhor compreender o “jogo da leitura”.

Apesar de aqui abordarmos a leitura como algo técnico, necessário à sobrevivência humana em termos sociais e econômicos, peço licença para fazer uma reflexão muito íntima. Quase uma confissão. Me pergunto sempre: por que acho que devo convencer o outro a ler? Para que mostrar e indicar livros ou falar sobre livros e leituras? Tentando responder com sinceridade digo que talvez um tantinho pela vaidade de encantar e de dizer que por que leio conheço alguma coisa da vida e das histórias do mundo. Isso mesmo. Admito!

Mas confesso também, que muito da minha insistência nesse assunto se dá principalmente pela felicidade de ver aquele estudante ou leitor, a quem seduzo pelo texto, se apaixonar, se descobrir, se deslumbrar e principalmente se mostrar muito mais capaz de refletir sobre as coisas mais simples da vida (e em muitos casos as coisas complexas também!) após uma boa leitura. Assim foi e tem sido a minha experiência docente em salas de aulas no campo das Letras.

Mas tenho me perguntado também ultimamente se, num país com tão poucas bibliotecas físicas e livrarias, a dita democratização do acesso digital tem dado conta de continuar açambarcando uma boa quantidade de leitores, em especial dos textos de ficção, ao longo dos últimos anos? Concluo que infelizmente não, pois os números apresentados pelas pesquisas não são nada alvissareiros.

A propósito disso, alguns estudos, como por exemplo a recente pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), em parceria com a Fundação Itaú e o Ministério da Cultura, em sua última edição, constatou uma nova queda significativa ao longo dos últimos anos no interesse pela leitura no Brasil:

Nesta publicação, escolhemos provocar as inquietudes, pois, se continuarmos contemplando passivamente a realidade da leitura no Brasil ou transferindo para algum outro agente, público ou civil, a culpa ou a solução para o retrato que nos encara, talvez já na próxima edição alcancemos o patamar de 80% de não leitores (Zoara, 2024, p.7).

A coordenadora e organizadora da pesquisa Zoara Failla, numa carta ao leitor que antecede o livro de resultados da pesquisa, apresenta a sua impressão sobre o problema:

Por ora, nossa humilde e ainda vacilante resposta é: vamos formar professores para formar leitores críticos, capazes de compreender e ser sujeitos de transformações – inclusive aquelas trazidas pela inteligência

artificial –, sem deixarem de ser empáticos e orientados por valores humanistas e democráticos (Zoara, 2024, p.7).

Essa verdadeira fotografia panorâmica do cenário da leitura no Brasil, nos revela o quanto ainda teremos que trilhar para conseguir formar leitores mais críticos e autônomos. A leitura enquanto elemento civilizatório exige muito mais que apenas vontade e disponibilidade. Exige investimento e estratégias.

Para não nos afastarmos do nosso foco, deixemos um pouco de lado as estatísticas para retomar o início da nossa conversa sobre o que podemos fazer para vencer nosso “jogo da leitura”. Vamos lá!

Temos nas escolas e universidades brasileiras muitos estudantes (até mesmo de pós-graduação) que já estão habituados e até mesmo fartos de tanto ouvir dos seus preocupados professores coisas como: o quanto é necessário reaprendermos a ler utilizando técnicas ou fórmulas que nos garantam uma leitura eficiente do texto, uma leitura em que haja problematização, intertextualidade, interpretação, discussão e finalmente uma reelaboração daquilo que está dito. Uma leitura verdadeiramente analítica.

Para isso, é claro, não devemos nos esquecer que além da concentração e da vontade de conhecer os segredos desse jogo (o da leitura) o leitor precisa mesmo é de tempo.

De um tempo que na verdade sempre alega não ter, informa também a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, na sua 6^a edição, aqui já mencionada. Um tempo mínimo satisfatório para que possa se relacionar com o texto, refletir sobre o seu tipo, o seu gênero. Se perguntar por que e para quem ele foi escrito daquela maneira e não de outra, naquele formato e não em outro tipo de suporte, como jornal, revista, etc. Ou seja, entender melhor a razão da existência daquele texto e da motivação de quem o escreveu.

Insisto, portanto, na ideia de que todo leitor precisa de tempo para pensar e internalizar aquilo que lê. Precisa buscar na sua memória o que já ouviu falar sobre o assunto, enganarse, corrigir-se, voltar a pensar de novo, e mais uma vez, refletindo de uma nova forma, até que finalmente amadureça o seu pensamento a ponto de concluir sobre o que sabe e também sobre o que não sabe/recorda sobre o assunto.

Ora, paradoxalmente, na era da informação imediata, das mensagens de *Whatsapp* escutadas em 2x, dos *e-mails*, dos *e-books*, dos *smartphones* e principalmente da Inteligência Artificial (refiro-me especialmente à inteligência artificial generativa utilizada para fins educacionais, pois muitas delas leem e resumem os textos em questão de segundos) o que mais se tem almejado é a economia de tempo.

Em virtude dessa pressa instituída para toda e qualquer tarefa no nosso dia a dia é que estamos fazendo uso de tantos atalhos e artifícios digitais “otimizadores” da nossa vida.

A vida acadêmica, por exemplo, nos toma muito tempo e inunda o nosso cotidiano com tantos cursos, tarefas, reuniões online (muitas delas urgentes e necessárias de verdade), e agora com os atuais e inúmeros debates sobre os usos e perigos da Inteligência Artificial, para estudantes, professores e pesquisadores, quando utilizada de forma equivocada e sem critérios. Esta última, aliás, é a pauta que está dominando a cena nos quatro cantos do mundo.

Entretanto, se queremos como leitores alcançar essa expertise diante do texto onde a compreensão seja plena e a reelaboração do texto adequada, temos que buscar ter esse tempo para o trabalho reflexivo e crítico. Tais competências não fazem parte das tantas funcionalidades da IA. E não deveriam mesmo fazer! Pois nós, seres pensantes, pessoas, devemos ter a responsabilidade de encarar o desafio de preservar o que há de mais humano em nós. A capacidade reflexiva. E é isso que

também faz a leitura. Preserva em nós características humanas, como a criatividade, o senso crítico e a memória.

Isto se estende a muitas outras situações no nosso cotidiano onde precisamos exercer a nossa capacidade de observação e compreensão. Seja nas relações com as pessoas com quem convivemos ou nos inúmeros textos digitais que lemos diariamente nas nossas redes sociais, e-mails etc.

Sendo assim, toda leitura deve buscar enxergar nas entrelinhas (nas redes do texto), a vida das palavras, das ideias.

Como querem alguns teóricos da linguagem, ler o mundo é trazer para um plano real e concreto o desconhecido sobre o qual nos debruçamos. Lembrando sempre que o texto é um privilégio humano.

Jorge Luis Borges disse certa vez, que o livro “é uma extensão da nossa memória e da nossa imaginação”. Ou seja, a leitura, das muitas formas de aprendizagem de que dispomos, é ainda uma das mais importantes para o desenvolvimento da criatividade humana e da formação identitária. O autor afirma que,

De los diversos instrumentos del hombre, el más asombroso es, sin duda, el libro. Los demás son extensiones de su cuerpo. El microscopio, el telescopio, son extensiones de su vista; el teléfono es extensión de la voz; luego tenemos el arado y la espada, extensiones de su brazo. Pero el libro es otra cosa: el libro es una extensión de la memoria y de la imaginación. (Borges, 2011).

E Borges segue elaborando, “*Es decir, un libro tiene que ir más allá de la intención de su autor. La intención del autor es una pobre cosa humana, falible, pero en el libro tiene que haber más*” (Borges, 2011).

Porém, com tantos recursos e variáveis que se apresentam no mundo tecnológico, a que tipo de conclusão se pode chegar sobre as técnicas de leitura e as fórmulas para interpretação ou interpenetração do texto, pois se temos que ao mesmo tempo penetrar e ser penetra-

dos pelo texto para que apreensão seja plena?

Podemos resumir a conversa dizendo que a apropriação adequada do texto pelo leitor só se dará mesmo através deste verdadeiro trabalho de conquista, de paquera mesmo do texto (e essas são “coisas” próprias de humanos e não de máquinas!)

Antoine de Compagnon, teorizando sobre a arte da leitura diz que ao sentir a leitura como trabalho perdido, pode-se procurar “a quinta roda dessa carroagem”, que seria a significação ou o sentido do texto:

Eu recorro ao sentido como último recurso, agarro-me a ele por não poder encontrar a paixão, na ilusão desesperada de que um esforço sobre a significação prender-me-ia ao texto, que pela solicitação não me prendeu. [...] (Compagnon, 2007, p.27-28).

Compagnon diz ainda que ao escrever buscamos fazer citações para reproduzir na escrita a “paixão” da leitura, algo que que prende e deixa o leitor em suspenso, uma “fulguração instantânea”.

Para além de todas essas teorias, existem outras técnicas de abordagem do texto como: fazer anotações sobre termos ou frases interessantes nas margens; sublinhar de forma adequada, quando possível, as ideias-chave do texto; destacar palavras desconhecidas para posterior verificação; buscar no formato, na ideia ou na temática algum tipo de intertextualidade; controlar o ritmo e a velocidade da leitura para que esta não aconteça de forma excessivamente lenta ou mesmo rápida demais prejudicando a compreensão; concentrar-se totalmente na leitura e no autor como se o mesmo estivesse na sua presença falando para você sobre o que escreveu; e por fim, após perscrutá-lo, escutá-lo ou mesmo contemplá-lo, falar sobre ele para alguém (ou para si mesmo) como se falasse de um velho conhecido seu, muito íntimo e próximo até um ponto em que sua aparência e essência lhe pareçam realmente familiares.

Somente por meio dessa proximidade com o nosso objeto de leitura (aqui o texto) é que poderemos preservar nossa condição humana, tão cara ao mundo atual, onde a máquina "finge" reproduzir a ação humana.

Após a leitura, há também que se dar sentido ao texto nas situações reais, diárias, sem desperdícios. Intuindo que ler nos faz evoluir como seres humanos. Buscando sempre fazer valer aquele tempo que foi “investido” nos muitos questionamentos e nas formulações

necessárias e a uma boa leitura.

Se fizermos assim, provavelmente não nos sentiremos frustrados ao final do jogo. Mas sim, vitoriosos e exultantes com o investimento que fizemos no tempo de leitura. Conquistando algo que há pouco parecia confuso, distante e muitas vezes intangível.

Proclamando orgulhosamente como o faz um bom jogador de xadrez ao final do último lance de mais uma conquista:

— Xeque-mate!

REFERÊNCIAS:

BORGES, Jorge Luis. *Borges oral e sete noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. 2. ed. Trad. de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil*. 6 ed. São Paulo. Instituto Pró-livro 2025. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2025/06/Retratos-da-Leitura_COMPLETO_com2-3capa-1.pdf. Acesso em: 10 out 2025.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.